

A escravidão no Brasil

em meados do século XIX na perspectiva de Francisco Maria Bordalo

Isabel Stancik

Professora de História da Rede Estadual de Ensino e pós-graduada em Educação Patrimonial pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e em Educação Especial pelo Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação/Faculdade Iguacu. E-mail: isabelstancik@hotmail.com.



No período de junho a novembro ano de 1854, Francisco Maria Bordalo (1821-1861) ocupou semanalmente as páginas do periódico português intitulado *O Panorama*, publicação de responsabilidade da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. Publicou, na forma de folhetim, três trabalhos que, segundo o autor, se complementariam: *Viagens na África e na América*, *Scenas da escravatura*, e *Quadros marítimos*.¹

Além de escritor, Bordalo foi oficial da Marinha Portuguesa, tendo também atuado como secretário do governador de Macau. Como marinheiro, viajou muito, tendo conhecido alguns países do continente africano, o Brasil, entre outros. Com seus trabalhos, tem-se a possibilidade de analisar o interesse manifestado pelo literato em relação à escravidão, além de suas representações relativas a diversos aspectos daquela instituição e da sociedade de meados do século XIX.

Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo analisar as representações de Francisco Maria Bordalo relativas à sociedade brasileira e à escravidão, tal qual registradas em seu trabalho *Scenas da escravatura*. Pretende-se, ao mesmo tempo, analisar a inserção daquela obra no contexto social do período, pensando-o ainda tendo em vista o Romantismo português e os propósitos que orientaram o importante periódico *O Panorama*.

Literatura e representações

Nas palavras de Nicolau Sevcenko, a literatura “aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social.” Segundo Sevcenko “mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade”.²

Parafraseando Sevcenko, pode-se observar, no caso de Bordalo, “um anseio de mudança” naquilo que se refere à escravidão, pois o autor manifestou-se contrário à sua manutenção. Detalhe significativo neste sentido é que, segundo Bordalo, em suas *Scenas de escravatura*, independente de cor, tanto negros quanto brancos tornar-se-iam “degenerados” uma vez submetidos à condição de escravo.

Temas, motivos, valores, normas ou revoltas explorados pelos literatos tendem a guardar estreita relação com a sua sociedade e com o seu tempo. Sevcenko conclui assim que é destes, portanto, que os escritores falam em suas obras. Características estas que podem ser observadas no trabalho de Bordalo, o qual evidenciou a preocupação de, mais que conhecer os conflitos e dilemas então presentes, registrá-los, posicionando-se a respeito. E o fez na perspectiva literária então em vigor, a do Romantismo.

Desta maneira, ao trabalhar-se tendo em vista as representações de Bordalo, pretende-se buscar pelos princípios, valores e esquemas de percepção através dos quais o autor pensava e atribuía sentido a si próprio e ao mundo. Tais representações são assim tomadas não enquanto mero reflexo de uma realidade, mas como elementos constituintes da mesma. Assim, enfatiza Roger Chartier quanto à noção de representação:

Ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.³

Indo para além da preocupação exclusiva com pertencimento à determinada classe social, Chartier propõe que se tenha em consideração ainda outras pertenças: o sexo, a profissão, as origens, a religião, a comunidade local, entre outras.⁴ Ora, Bordalo era natural de Portugal, oficial da Marinha, literato da escola romântica. Características que devem necessariamente ter influenciado nas representações do autor.

Tais considerações nos remetem ainda a outra noção que, também ela trabalhada por Roger Chartier, nos possibilita a análise das proposições de Francisco Maria Bordalo. Trata-se da noção de apropriação, a qual nos remete diretamente à historicidade dos agentes sociais: estes se constroem diferenciadamente no tempo e no espaço. Portanto, torna-se relevante perceber-se a apropriação cultural como “formas diferenciadas de interpretação”. Afinal, enfatiza Chartier, “os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos que o suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole”.⁵

Nas obras de Bordalo ficaram os registros de como questões como escravidão, entre tantas outras possíveis de se levantar, feriram a sensibilidade daquele autor. Registros que evidenciam formas particularizadas de se apropriar de questões que se impunham aos homens de seu tempo, registros de representações que foram motivo de contradição e de confrontos com outras também circulantes na sociedade naquele período.



Francisco Maria Bordalo e o Romantismo Português

Os tempos iniciais do Romantismo português foram marcados por lutas civis entre conservadores e liberais, as quais se estenderam até o ano de 1834. Estas se intensificaram após D. Pedro abdicar ao trono brasileiro para, transferindo-se para Portugal, lutar ao lado dos liberais. Segundo alguns autores,⁶ essa relação entre revolução social e literária é uma das características marcantes do Romantismo português. Movimento que se desenvolveu num contexto conturbado de lutas por transformações na vida social, política e econômica.

Dedicando-se à carreira de jornalista, Alexandre Herculano (1810-1877) fundou, juntamente com outros intelectuais, a revista literária *O Panorama* em 1836, permanecendo como seu diretor até 1839. Herculano foi um escritor que manifestou-se preocupado com a instrução popular e com a prática de um jornalismo que se mostrasse capaz de fornecer à opinião pública os instrumentos necessários para a compreensão dos problemas artísticos, políticos e sociais.⁷

Neste contexto, o periódico *O Panorama: jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, além de introdutor do Romantismo, tornou-se uma das revistas literárias portuguesas que conseguiu atrair a atenção de grande número de leitores. Além do próprio Herculano, na revista colaboraram vários dos grandes jornalistas e historiadores da época,⁸ a ponto de a mesma ser apontada como o principal órgão divulgador do Romantismo português.

Desde a publicação de seu primeiro volume, no transcorrer do ano de 1837, *O Panorama* se propunha a ser um veículo destinado a fazer a divulgação de “conhecimentos úteis”. Segundo seus idealizadores, não bastaria apenas publicar, pois, segundo afirmavam, “muitas coisas inúteis e até danosas” seriam dadas a público se não se adotasse rigoroso critério na seleção dos conteúdos. Eis então a importância de divulgar “conhecimentos úteis”, tal qual era proposto.⁹

Tendo-se em vista as obras *Viagens na África e na América*, *Scenas da escravatura*, e *Quadros marítimos*, inicialmente citadas, com especial ênfase em *Scenas da escravatura*, verifica-se um particular interesse evidenciado por Francisco Maria Bordalo em relação a diversos aspectos da escravidão. Aquela instituição trazida para o Brasil pelos portugueses, era, em meados do século XIX, um aspecto da realidade social de ambos os países diante da qual muitos agentes vinham se posicionando negativamente.

No momento em que Bordalo publicou *Scenas da escravatura*, o assunto se revestia de particular importância para a Inglaterra. A grande potência daquele período colocara-se na condição de guardiã internacional, tentando reprimir a escravidão. Situação esta que resultou em atritos inclusive com Portugal. Sobre o assunto, diversos intelectuais manifestaram-se. Foi o que fez Bordalo em 1854, quando veio à público emitindo opiniões relativas a diferentes episódios que afirmou ter presenciado em suas viagens. Cenas verídicas, fazia questão de enfatizar o autor.

Bordalo e a escravidão no Brasil

Francisco Maria Bordalo iniciou *Scenas de escravatura* destacando a questão da escravidão branca e negra, resultante de um “tráfico desumano e iníquo”, nela envolvida a discussão sobre a abolição do tráfico.¹⁰

De acordo com Francisco Bordalo, os navios que transportavam os imigrantes portugueses para o Brasil não teriam capacidade para o número de passageiros neles

embarcados. Ao chegarem à América, seriam vendidos ou alugados para saldar as despesas de viagem. Essa situação precária foi comparada por Bordalo com a escravidão, sendo, no entanto, uma escravidão branca.

No período, as discussões sobre a abolição estavam acirradas de ambos os lados: aqueles que se mostravam favoráveis à escravidão defendiam a permanência da instituição sob a alegação de que os escravos já haveriam aceitado sua condição de inferioridade ou até mesmo nascido sob tal condição. Por sua vez, os defensores da abolição se revoltavam contra a permanência da mesma utilizando os exemplos de inconformismo evidenciados pelos escravos, tais como as rebeliões, as fugas e a formação de quilombos.

A Inglaterra, maior traficante de escravos até o século XVIII, aboliu a escravidão nas suas colônias no ano de 1833. Transformou-se a partir de então na maior defensora do fim do comércio escravagista. Suas razões, além daquelas decorrentes do “processo civilizatório”, também apresentavam uma dimensão econômica. Isso porque, com a Revolução Industrial, tornou-se necessário expandir os mercados consumidores, dos quais os cativos estavam excluídos.

Em 1831, ano da abdicação de D. Pedro I, surgiu a primeira lei de caráter anti-escravista no Brasil. Esta destinava-se à proibição do tráfico negreiro. Na prática, no entanto, a lei não vigorou, uma vez que os proprietários de escravos e os traficantes simplesmente a ignoraram, enquanto que as autoridades nada fizeram de efetivo para sua aplicação. Diante daquela situação e com o aumento das pressões externas e internas, no ano de 1850 a Lei Eusébio de Queiroz veio a reafirmar aquela de 1831. Ficava então autorizada a expulsão dos traficantes do país. Somente a partir daí se passou a ter, de fato, medidas práticas no sentido de coibir o tráfico negreiro.

A partir de 1860, a pressão contra a escravidão ganhou cada vez mais espaço nas campanhas e debates, inclusive através da imprensa. A guerra contra o Paraguai, que teve início em 1864, e a crise econômica que o Brasil passou a enfrentar após o seu fim vieram a contribuir para o acirramento dos debates em torno da abolição. Em 1871 seguiu-se a Lei do Ventre Livre, declarando livres os filhos de escravas nascidos a partir de então. Em 1885, com a Lei dos Sexagenários, foi concedida a liberdade aos escravos maiores de 60 anos. Finalmente, no ano de 1888, a Lei Áurea declarou extinta a escravidão no Brasil.

O príncipe negro escravizado no Brasil

Cabe lembrar que a escola literária predominante no período era a do romantismo. O romance foi a forma proposta pelo autor para melhor mostrar e tecer suas considerações relativas a cenas que eram, segundo afirmou, comumente presenciadas no Brasil de então. O cenário por ele escolhido foi a cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1853.

Bordalo fez questão de deixar claro aos seus leitores a veracidade das cenas por ele descritas. Apesar disso, os personagens apresentados no trabalho eram fictícios, mas as situações descritas, segundo o autor, seriam fáceis de se verificar. A questão, entretanto, é como o autor percebia essas cenas por ele trazidas a público?

A primeira cena por ele apresentada recebeu o título de *História de um negro*. A mesma era situada pelo autor no ano de 1844. Então, esclarecia o texto, Bordalo e um amigo receberam um negro carpinteiro que deveria realizar um trabalho na residência deste último, o qual chamou a atenção para o fato de o negro ser um príncipe da tribo Cabinda.

Solicitou então a este que contasse sua história, a qual foi por ele narrada da seguinte forma: o príncipe Jaca acompanhava seu tio, o rei da tribo Cabinda, na entrega de uma

encomenda de escravos à traficantes, quando um dos barcos virou, provocando a morte de vários negros. Para não ficar no prejuízo, o comerciante de escravos prendeu todos os cabindas que acompanhavam aquele lote de escravos, incluindo o príncipe.

Por intermédio da transcrição daquele diálogo, o autor parecia dar sinais indicativos de que pretendia isentar a si próprio e aos demais brancos em relação a qualquer culpa pela escravização dos negros. Isso porque, no caso em particular por ele narrado, ficava evidente a participação ativa de outros negros na captura e comercialização de seres humanos destinados ao trabalho escravo.

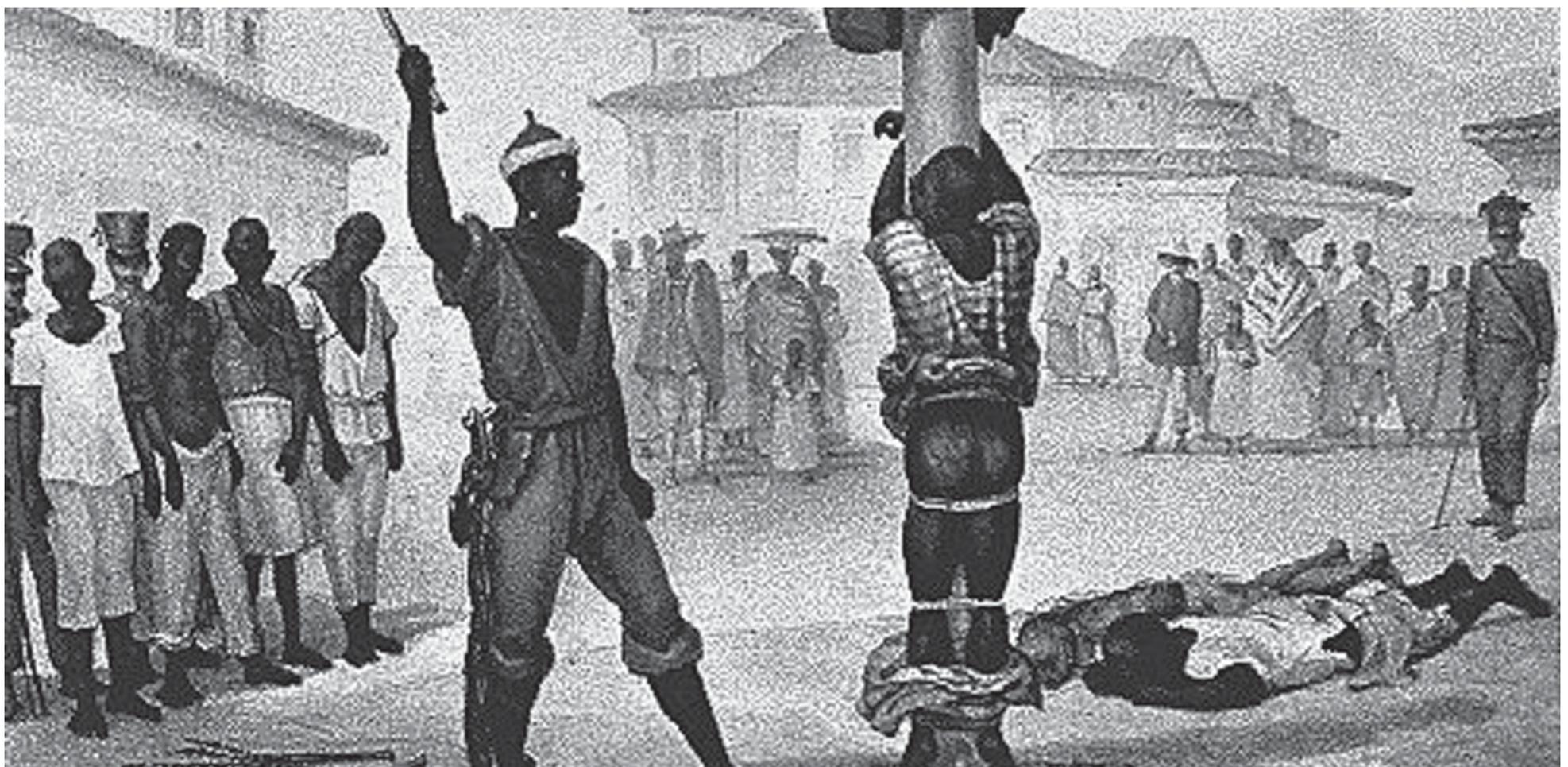
Assim, na visão de Bordalo, seria de se esperar que os mesmos repartissem a culpa e, por extensão, se arrependessem em razão de sua responsabilidade por um ato talvez mais culpável que aquele perpetrado pelos brancos. Ora, afinal, os negros teriam participação na escravização de seus “irmãos de sangue”, como fizera observar o príncipe africano.

Desta maneira, as palavras de Bordalo traziam a constatação de que os brancos que se ocupavam do tráfico, bem como aqueles que se serviam da mão de obra escrava, não a teriam instituído. Em lugar disso, estariam apenas fazendo uso de uma instituição desde há muito existente, antes mesmo de que eles viessem a dela se servir.

Chama igualmente a atenção o momento em que o príncipe africano descrevia a situação que observara nos navios. Bordalo assim apresentou a narração de Jaca: “*Se se desenvolve uma epidemia a bordo, lançam ao mar, vivos, os que primeiro são atacados, e o mesmo sucede se escasseiam os mantimentos. Para salvar os mais robustos, alijam-se os mais fracos...*”¹¹

No texto, Bordalo apresenta-se então como movido pela surpresa, bradando um “basta!” e dizendo saltar fora da rede, movido pela indignação. Sendo ele um comandante da Marinha Mercante portuguesa, um homem conhecedor de vários lugares, entre eles muitas regiões do continente africano, como interpretar tal passagem?

Os conceitos que justificavam a escravidão já não se faziam suficientes para explicá-la e as transformações no cenário político e econômico mundial exigiam outras explicações. O que antes era considerado “natural”, naquele momento já tendia a exigir maiores justificações, pois passava a incomodar de maneira mais acentuada a significativas parcelas da sociedade.



Bordalo discutiu como ficaria a situação dos escravos após a abolição do tráfico negreiro em 1831. O autor assim apresentou o problema, na fala de seu interlocutor: *“Na verdade é que nesta perseguição ao tráfico dos escravos, só lucram os ingleses, e quem perde são os escravos”*.¹²

Segundo Bordalo, a situação dos escravos após a lei de 1831 tendeu a piorar, uma vez que os navios que fiscalizavam os traficantes se mostravam incapazes para a tarefa a que se propunham, ao passo que os negros sofriam cada vez mais a bordo dos navios. Antes, enquanto o tráfico não se encontrava na ilegalidade nem era objeto de preocupação dos ingleses, haveria, segundo o autor, uma certa preocupação com alguns aspectos que revelavam uma maior atenção quanto ao bem estar dos negros.

Com a nova lei, os comerciantes tenderiam cada vez mais a completar a carga dos seus navios até o seu limite, objetivando lucrar mais, sem manifestar a menor preocupação com a situação dos negros. Nas ocasiões em que eram surpreendidos por algum navio que fazia o trabalho de repressão ao tráfico, era comum jogarem sua “carga” ao mar. Os ingleses, por sua vez, ao aprisionarem um navio negreiro, costumavam forçar os negros ao trabalho em suas colônias, pelo período de dez anos, segundo o diálogo que se seguia na narrativa de Bordalo.

Desta maneira, Bordalo questionava as reais intenções dos ingleses. Como explicar, perguntava-se o autor, uma posição que se afirmava contrária à escravidão e ao tráfico negreiro, uma vez que condicionavam a liberdade à obrigatoriedade de dez anos de trabalho?

Em seguida, o personagem amigo de Bordalo acrescentava seu posicionamento a respeito, com as sugestivas palavras: *“Assim é infelizmente... Mas que quer esse outro preto? Diz que o jantar está pronto... Vamos; e deixemo-nos de emendar o mundo”*.¹³ Ou seja, da narrativa de Bordalo, pode-se entrever que, para muitos dos homens de então, por mais que se dessem conta dos possíveis absurdos, das evidentes contradições que caracterizavam o mundo ao seu redor, uma possível reação era a de simplesmente propor que se deixasse que tudo se arranjasse por si mesmo.

A narrativa parece revelar assim, ao seu final, um certo descaso. Depois de ouvir uma história, apontada por Bordalo como surpreendente, ninguém parecia manifestar grande interesse em querer realmente mudar algo. Assim, ao príncipe negro restava apenas prosseguir servindo ao seu senhor. Pois, afinal, concluía-se, “infelizmente”, tudo seria assim mesmo...

Mesmo assim, seu posicionamento parece evidenciar, ao mesmo tempo, alguma tendência a questionar a instituição escravocrata, particularmente no momento em que constata os sofrimentos pelos quais passavam aqueles que eram reduzidos à escravidão. No entanto, isso não o levava a propor a superação daquele estado de coisas. Isso revela muito do autor e da sociedade na qual o mesmo estava inserido. Afinal, como ele mesmo apontara, mesmo um país como a Inglaterra não deixava escapar oportunidades de escravizar negros. Mesmo diante do avanço do capitalismo e da necessidade de expansão dos mercados, o emprego da mão de obra escrava era uma realidade que não parecia perturbar tão profundamente o imaginário do período.

Assim, a obra de Bordalo torna evidentes as contradições entre aquilo que diversos integrantes daquela sociedade podiam perceber e as suas ações. Assim, podiam ter em consideração inúmeros aspectos que, no seu entender, tornariam indesejável o prosseguimento da escravidão, ao mesmo tempo em que nada faziam a respeito.

Senhor negro de escravo branco

A segunda cena trabalhada por Bordalo apresentou uma narração relativa à trajetória da descendência de um comendador do Estado de Minas Gerais, o qual teria tido uma filha com uma escrava. Esta última seria propriedade de um amigo seu, também ele um ex-escravo e de nome Gonçalo Dias. Quando o comendador morreu, relatou Bordalo, deixou sua herança em testamento para o amigo escravo liberto. Em prova de reconhecimento à amizade e em retribuição à herança recebida, o negro Gonçalo tomou por objetivo tornar branca a descendência do comendador falecido. Objetivo este que foi assumido pelos descendentes de Gonçalo, e alcançado na quarta geração da escravinha filha do comendador. Isso por intermédio do “cruzamento” desta com portugueses.¹⁴

Temos então um branco escravo de um negro e é neste momento que encontramos Bordalo dizendo-se surpreso diante da situação criada. No trabalho por ele publicado, um amigo o teria apresentado a um senhor negro proprietário de um escravo branco. Este senhor negro assim foi descrito pelo autor: *“é o comendador N... que, como sabes, é preto e bem preto, mas honrado homem”*.¹⁵

Bordalo se deixava descrever na obra, por intermédio do seu amigo, apresentando-se como um filantropo preocupado com os menos favorecidos. Um filantropo que, conforme podemos observar na fala transcrita acima, fazia questão de enfatizar que o importante seria a honradez, e não a cor.

O escravo branco, de nome Simeão, era assim descrito: *“o escravo estava ali, com a alvura de um espanhol, o cabelo liso e castanho, olhos da mesma cor, mas fixos, embaciados, como sem vida; belos dentes e beiços grossos, mas não trombudos à maneira dos negros; estatura regular”*.¹⁶

A descrição de um branco, ainda que escravizado, propunha-se a tornar evidentes os sinais distintivos entre um representante desta raça e os de um membro da raça negra: cabelos, “beiços”, cor da pele. Em tudo, o escravo apresentado se distanciaria dos negros, nas descrições que destes se costumava fazer – e provavelmente ainda hoje não superadas.

Assim, neste caso, a brancura da pele teria sido alcançada. Na sua aparência física, aquele descendente de uma escrava e de um português se assemelharia a um europeu, ainda que estivesse preso à condição de escravo.

No desenrolar da narração, o comendador concedeu a alforria ao escravo branco. Mas, para surpresa de todos, este teria preferido continuar morando com o seu senhor, afirmando: *“Eu não quero deixar o senhor (...). Eu quero ficar com o senhor; sempre me tratou bem... que hei de eu ir procurar? Nada... fico”*.

O episódio registrado por Bordalo parece evidenciar que a preocupação em relação à descendência da escrava sempre fora a “purificação” da raça. Não o seu bem estar, já que a situação de escravo teria permanecido. E isso a um ponto tal que nem mesmo o escravo branco se via em condições de dela se livrar, ou sequer de desejá-lo. Mas outros aspectos saltam aos olhos na forma como Bordalo concluiu esta cena da escravidão. A recusa do escravo diante da possibilidade de tornar-se livre foi assim explicada pelo autor: *“É pena!... mas a raça não se apurou, degenerou. O físico de um homem branco alcançou-se, mas a alma de um homem livre é que se não conseguiu. A escravidão transforma o homem... faz isso que aí se vê!”*.

É interessante notar que tal degeneração não era atribuída, na sua fala, a um possível “mal de raça”, mas aos efeitos negativos de uma instituição. Ou seja, diferente daquilo que muito corriqueiramente se afirmava, conforme Bordalo pareceu pretender expressar, não seria o fato de pertencer à raça negra que faria dos escravos “seres inferiores”.

Desta maneira, concluindo o episódio, Bordalo dava indicações de considerar que seria a condição de escravizado que resultaria em degeneração, em uma forma inferior de ser homem. Assim, concluía que, na aparência, estava diante de um homem branco, o qual, no entanto, não seria dotado da alma de um homem livre. Para Bordalo, a escravidão transformava o homem. Um escravo, mesmo branco, tenderia a prosseguir pensando e agindo sob os efeitos daquela instituição, a qual ele apontava como capaz de degenerar o homem.

O personagem negro proprietário do escravo branco, permite-nos constatar mais um exemplo de como Bordalo acreditava ser a submissão à escravidão o fator determinante responsável por tornar “degenerado” o homem, fosse ele negro ou branco. Descrevendo o “comendador N...” e suas filhas, Bordalo assim se expressou: “Logo pelo vestibulo e escadaria se adivinhava o luxo das salas do Sr. N... Ele, e suas duas filhas, também pretas de ébano, receberam-nos em um elegante drawing-room [sala de visitas], dando-nos não equívocas mostras da mais apurada educação. Conversou-se por algum tempo acerca de vários objetos, depois as meninas tocaram piano e harpa com bastante destreza...”¹⁷

O “comendador N...” era dotado de muita honra e educação se comparado aos senhores brancos. Suas filhas, apesar de também negras, haviam recebido a mais fina educação então acessível ao sexo feminino. Para Bordalo, o que reduzia os negros à escravidão era a opressão a que se viam sujeitos.

No entanto, no seu cotidiano, também o autor daquele trabalho prosseguia fazendo uso do trabalho escravo. Se, por um lado, mostrava-se capaz de colocar aquela instituição sob questionamento, por outro ajudava na sua manutenção, evidenciando uma contradição que se fazia presente entre muitos de seus contemporâneos. Desta maneira, por um lado, procurava apontar os males que entendia associados à instituição escravista. No entanto, por outro lado, parecia muito pouco disposto a abrir mão de prosseguir fazendo uso da mesma.

Bordalo esboçou algumas críticas ao sistema escravocrata, por julgá-lo responsável por uma suposta degeneração do negro a ele submetido. Procurou demonstrar sua posição enfatizando a honradez e a elegância de uma família composta por negros, sendo o chefe da mesma um comendador. Narrando esta cena, Bordalo mostrou-se capaz de se reportar ao debate de maneira que nos parece um tanto quanto inovadora para o período.

A importância de Bordalo se evidencia por sua percepção ousada em alguns momentos para o período e, ao mesmo tempo, por suas singularidades enquanto representante da escola romântica.

Não menos reveladoras mostraram-se as contradições entre suas obras e sua vivência cotidiana. Os dilemas por ele enfrentados no momento em que se dispôs a posicionar-se criticamente diante da escravidão.

Aspectos estes que evidenciam, além do mais, a pertinência do emprego de obras literárias como fontes históricas capazes de nos auxiliarem no melhor entendimento das práticas e representações de determinado período ou em torno de determinada questão.

Recebido para publicação em maio de 2004

Notas

¹ O PANORAMA: Jornal litterario e instructivo, Lisboa, v.11, 1854.

² SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 20.

³ CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 23.

⁴ CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238, p. 231.

⁵ Idem, p. 25.

⁶ SARAIVA, J. H. *História concisa de Portugal*. 7. ed. Lisboa: Europa-América, 1981, p. 284-285.

⁷ FERREIRA, A. *Perspectiva do Romantismo português (1834-1865)*. Lisboa: Edições 70, 1971, p. 50.

⁸ Falou-se em jornalistas e historiadores, e não em escritores, pois somente mais tarde, na segunda metade do século XIX, viria a tornar-se possível, em Portugal, viver-se exclusivamente da literatura. Provavelmente, Camilo Castelo Branco tenha sido um dos primeiros a fazê-lo.

⁹ O PANORAMA: jornal litterario e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Lisboa, v.1, 1837, p.1.

¹⁰ BORDALO, F. M. *Scenas de escravatura*, In: *O Panorama*. 1854, p. 259.

¹¹ Ibid., p. 269.

¹² Ibid., p. 270.

¹³ Id.

¹⁴ Não deixa de ser surpreendente essa proposição de “branqueamento”, tema que ganharia importância entre a intelectualidade brasileira no início do século seguinte. Aspecto este, entretanto, no qual não iremos nos deter no momento.

¹⁵ BORDALO, F. M. *Scenas de escravatura...*, p. 275.

¹⁶ Ibid., p. 276. Observe-se que Francisco Maria Bordalo não foi o primeiro autor que, na vigência do Romantismo literário, preocupou-se em mostrar a existência de brancos escravos no Brasil. Bernardo Guimarães, autor romântico muito popular no Brasil, também foi um dos que se ocuparam com o tema em seu *A escrava Isaura*.

¹⁷ Id.

